**A EDUCAÇÃO DA MULHER EM DETRIMENTO DOS COSTUMES E A SUA TRANSAÇÃO DE FILHA PARA ESPOSA**

1. **INTRODUÇÃO**

No espaço da família[[1]](#footnote-1), a mulher é educada para ser subserviente ao homem, como filha – devendo ser obediente a figura paterna – e como esposa sendo subordinada ao marido. Esta ordem acontece sobretudo por meio do que o historiador E.P. Thompson (1998, p. 13-14) caracteriza como costume: experiências de vida e valores perpassados de geração para geração. Diante disso, a educação por meio do costume– se aplicada a conduta feminina – tem como finalidade a manutenção e perpetuação do patriarcado na sociedade.

As mulheres podem e devem ser definidas como sujeitos de força, orgulho, determinação, inteligência e coragem (Davis, 2016, p.4). Entretanto, segundo Bourdieu (2024, p. 26) a diferença biológica entre os sexos é vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros. Isto posto, o autor ressalta que a construção sexual dos corpos – na sua perspectiva social – impõe a mulher uma posição de submissão e subserviência ao homem, de maneira que as condutas intrafamiliares em detrimento dos costumes a mantém desde a infância nesse condicionamento. O homem, por sua vez, sempre foi visto como responsável pela organização da família, provedor do lar e responsável pela ordem da casa (Foucault, 2020, p. 113).

Essa inferiorização atribuída as mulheres, se intensifica em camadas mais profundas, quando essa é uma ‘mulher de cor’[[2]](#footnote-2) – pobre e marginalizada pelo seu contexto étnico-racial e socioeconômica – o que torna a sua inviabilização ainda mais exacerbada e negligenciada. A inferiorização dessas mulheres é herança trazida pela colonização para o Brasil, estigmas irreparáveis – muitos que se perduram até a contemporaneidade – ratificando, assim, que o ato de civilizar é injustificável e incapaz de resolver qualquer problema[[3]](#footnote-3). Por conseguinte, as ‘mulheres não brancas’ foram invisibilizadas e postas em posições de subserviência – sobretudo através dos seus trabalhos não remunerados – durante todo o período da escravidão no Brasil e pós-abolição[[4]](#footnote-4), de modo que se faz necessário que a história das ‘mulheres de cor’ seja escrita e analisada dentro das suas estruturas (Burke, 1992, p. 328).

No que se refere às fontes produzidas no recorte temporal deste trabalho (2007-2017) – considerando os interesses políticos e sociais que circundam quem as produziu (Barros, 2023, p. 8) e suas vontades de verdade (Chartier, 2022, p. 3) – nos limites dos conceitos, produz um panorama acerca das ‘mulheres de cor’ da cidade de Maceió, elucidando a panorâmica das concepções supracitadas. O objetivo de confrontar as fontes – jornal periódico *Gazeta de Alagoas,* dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e História Oral – é analisar não somente aquilo que essas venham evidenciar, mas identificar as lacunas que os discursos não contemplaram para preservar os seus interesses (Luca, 2018, p. 139).

1. **OBJETIVOS**

Se objetiva neste trabalho analisar como o costume – por meio da educação da mulher – atua na manutenção do patriarcado na sociedade, em detrimento da construção social dos corpos, dos mecanismos de poder e da violência física e simbólica, identificando as imposições e punições atribuídas a figura feminina de maneira naturalizada, buscando compreender as formas como essa submissão se intensifica mais quando se trata de mulheres pobres, interpretando assim as lacunas existentes nos discursos históricos acerca dessas mulheres.

1. **METODOLOGIA**

A ferramenta metodológica de análise adotada é a interpretação dos discursos[[5]](#footnote-5) que as fontes trazem e sua relação com o objeto, viabilizando o confronto dessas com as questões do respectivo objeto de pesquisa e sua relação no meio em que é produzida. Com isso, se objetiva usar como metodologia de análise das fontes o que Foucault (2013, p. 6) caracteriza em seu livro ‘*Microfísica do poder’* como “genealogia da história” e a história a contrapelo difundida por Walter Benjamin (2013, p. 225), a fim de se desprender dos interesses particulares da fonte e se voltar para as lacunas dessa acerca da mulher, principalmente da mulher de cor.

1. **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As fontes apresentam lacunas significativas acerca da história das mulheres, evidenciando a tentativa de apagamento[[6]](#footnote-6) das suas histórias e resistências – sobretudo das mulheres de cor, pobres e marginalizadas – e do condicionamento de subordinação feminina em relação a figura masculina. Cabe ressaltar que, a mulher não assume o papel de submissão ao homem por vontade própria, mas pelas imposições que lhes foram postas, sobretudo através da educação intrafamiliar por meio do costume. Segundo a filósofa Bell Hooks (2024, p. 13) todos nós, homens e mulheres, fomos socializados desde o nascimento para aceitar pensamentos e ações sexistas – o que torna a mulher tão machista quanto o homem – a diferença é que os homens se beneficiam mais que as mulheres. Com isso, a engrenagem do patriarcado[[7]](#footnote-7) se mantém entre as gerações de maneira naturalizada[[8]](#footnote-8), por meio dos costumes[[9]](#footnote-9), de modo que as mulheres não assumem o papel de submissas por legítima vontade, mas pelas imposições que lhes foram postas através da educação, por meio da qual são condicionadas a seguir essa diligência predeterminada, que as aprisionam e as obrigam, por meio dos mecanismos de poder e persuasão[[10]](#footnote-10) a perpassar essas condutas.

1. **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Levando em consideração as colocações supracitadas, acerca da transição da mulher de filha para esposa, se entende que a dominação masculina que rege o continente dos costumes se perpetua tanto pelos homens quanto pelas mulheres. Ademais, vale ressaltar que a mulher não é subserviente ao homem por espontânea vontade, essa foi imposta a esse condicionamento, de modo que até mesmo elas visam como natural. A naturalização da cultura do patriarcado que trata de assegurar que essa engrenagem se mantenha viva na sociedade, ratifica o sexismo principalmente por meio de regras e punições para as mulheres, de acordo com o grau de inobediência refletida em suas ações.

Portanto, se entende que a mulher – embora seja um ser de força, coragem e determinação – é posta através da doutrinação por meio dos costumes, no contexto intrafamiliar, no condicionamento de submissão, o que a torna tão machista quanto o homem. A naturalização deste condicionamento se encarrega de manter a fêmea submissa ao macho – seja no contexto moral ou financeiro – e a perpetuação da hegemonia masculina, de modo que essa não consiga se libertar por ter que lidar com as regras e punições deste sistema.

**REFERÊNCIAS**

BARROS, José D’Assunção. **O jornal como fonte histórica**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2023.

BENJAMIN, Walter. **O anjo da história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina.** Tradução Maria Helena Kuhner. 23ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2024.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020.

CHARTIER, Roger. **Verdade e Prova**: História, Retórica, Literatura, Memória. *In.* Rev. Hist., n.181, a00821, 2022 http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2022.181759. São Paulo: Dossiê Autoria e Autoridade, 2022.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapeando As Margens: Interseccionalidade, Política Identitárias E Violência Contra Mulher De Cor. *In.* **Corpos em Aliança**: Diálogos Interdisciplinares sobre Gênero, Raça e Sexualidade. *Org.* MARTINS, Ana Claudia Aymoré & VERAS, Elias Ferreira. Maceió - AL. 2020.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense,1995.

DIJK, Tean A. Van. **Discurso e poder**. Organização de Judith Hofffnagel e Karina Falcone. 2ª ed. 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. *In*. **História das mulheres no Brasil**. Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7ª. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FOUCAULT, Michel **História da Sexualidade 1:** A Vontade de Saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 10ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal, 2013.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução de Ana Luiza Libânio. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*. **Fontes Históricas**. Carla Bassanezi Pinsky (organizadora). 3ª ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

PAULINO, Rafael Vieira de Britto. **Violência contra as mulheres:** interdição,contexto e enfrentamento em Maceió (2007- 2015). Orientador: Antonio Alves Bezerra, 2023. 164 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Programa de Pós Graduação em História, Maceió, Alagoas, 2023.

SAFFIOTI, Helieth. **Gênero, Patriarcado, Violência**. 2ª ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2015.

Sheila de castro. História da Família e Demografia Histórica. *In*. **Domínios da História**. Org. Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum.** Revisão Técnica Antônio Negro, Cristina Meneguello, Paulo Fontes. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

1. O conceito de família aqui usado se refere a definição dada por Sheila de Castro Faria, na qual a autora explica que a família está essencialmente voltada para o espaço doméstico, englobando todos aqueles indivíduos que habitam a mesma casa, diferenciando-se tanto no tempo quanto no espaço, havendo diversidade na composição das famílias, relacionado ao espaço doméstico e aos sentimentos. *In*. FARIA, Sheila de castro. História da Família e Demografia Histórica. *In*. **Domínios da História**. Org. Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. p. 229. [↑](#footnote-ref-1)
2. O termo ‘mulheres de cor’ empregado neste trabalho, se trata do mesmo usado pela autora Kimberlé Crenshaw, que se volta para a interseccionalidade que desvela os corpos inviabilizados dos discursos protetivos e asseguradores dos direitos, tendo em suas estruturas as predileções – em principal instância a mulher branca e rica – as que não estão asseguradas nem protegidas – sendo essas as mulheres pretas e pardas que se autodeclaram negras – consequentemente as mulheres marginalizadas pela sua condição ética, racial e econômica. CRENSHAW, Kimberlé. Mapeando As Margens: Interseccionalidade, Política Identitárias E Violência Contra Mulher De Cor. *In.* **Corpos em Aliança**: Diálogos Interdisciplinares sobre Gênero, Raça e Sexualidade. *Org.* MARTINS, Ana Claudia Aymoré & VERAS, Elias Ferreira. Maceió - AL. 2020. p. 25-38. Ademais, o termo em questão também é usado pelo historiador alagoano Rafael Vieira para tratar da mulher não branca – preta e parda que se autodeclara negra – remetendo-se ao tratamento preconceituoso e pejorativo que as mesmas perpassam em sua experiência de vida, sendo essas mulheres herdeiras das mazelas da escravidão e desigualdades sociais enraizadas na sociedade – sobretudo na região nordeste do Brasil e, mais precisamente no estado de Alagoas – mulheres que tem seus direitos negados ou afastados por uma hegemonia às mulheres brancas e ricas. *In*. PAULINO, Rafael Vieira de Brito. **Violência contra as mulheres**:interdição, contexto e enfrentamento em Maceió (2007- 2015) – 2023. p.79-80. [↑](#footnote-ref-2)
3. CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020. p. 9. [↑](#footnote-ref-3)
4. FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. *In*. **História das mulheres no Brasil**. Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7ª. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 241-242. [↑](#footnote-ref-4)
5. Segundo a historiadora Tania Regina de Luca, o periódico como fonte deve ser interpretado considerando as suas lacunas, as quais o historiador dispõe da análise de discurso para identificar aquilo que o jornal elegeu como digno de chegar até o público, problematizando a narração do acontecimento e o próprio acontecimento. LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*. **Fontes Históricas**. PINSKY, Carla Bassanezi (organizadora). 3ª ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018. p. 139. [↑](#footnote-ref-5)
6. DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense,1995. [↑](#footnote-ref-6)
7. SAFFIOTI, Helieth. **Gênero, Patriarcado, Violência**. 2ª ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2015. p. 53. [↑](#footnote-ref-7)
8. BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina.** Tradução Maria Helena Kuhner. 23ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2024. p. 44. [↑](#footnote-ref-8)
9. THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum.** Revisão Técnica Antônio Negro, Cristina Meneguello, Paulo Fontes. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 13-14. [↑](#footnote-ref-9)
10. Segundo Van Dijk, o exercício de poder dar-se predominantemente pela via persuasiva, através da seletividade que os grupos ou instituições de poder descreve o que os menos poderosos devem fazer, levando em consideração as colocações acerca das mulheres, neste sentido se considera as regras ditadas sobre o corpo e as condutas das mulheres. *In*. DIJK, Tean A. Van. **Discurso e poder**. Organização de Judith Hofffnagel e Karina Falcone. 2ª ed. 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023. p. 53. [↑](#footnote-ref-10)